

A VOZ de MELGAÇO

Proprietários: A. LUÍS VAZ e JÚLIO H. VAZ

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector: CARLOS NUNO VAZ

Redacção e Administração: Largo da Senhora-a-Branca, 105 — BRAGA ★ ANO XXXI — N.º 604 — Melgaço, 15 de Janeiro de 1977 ★ Tip. Augusto Costa & C.ª, L.da - Telex. 22455 - Braga

Carta de Lisboa

O preço do comodismo

Decorrido mais de um mês sobre a realização das eleições para as autarquias locais é tempo de tirarmos algumas ilações dos seus resultados. Em matéria de política cada povo tem o que merece. O que quase nunca quer dizer que tenha aquilo com que contava. Porque política é uma coisa, realidade outra. A este propósito estamos a lembrar-nos do nosso vizinho, senhor Anastácio.

Sapateiro de profissão, homem trabalhador e honesto, exercendo o seu mister numa pequena cave a poucas dezenas de metros do prédio onde moramos é a ele que recorremos sempre que os sapatos necessitam de gáspeas, meias solas ou tacões. Talvez por ser profissional consciente e aplicado vive sem grandes dificuldades. A profissão, como a figura, não explicam o sucesso. Devido à sua comprovada honradez, o senhor Anastácio ocupa, na nossa escala de valores, lugar paralelo a Francisco Roxo, o espingardeiro de Guimarães que nos foi legado por Camilo.

Com o decorrer do tempo passamos do protocolar bom dia — boa tarde — ao campo das conversas francas e abertas. E foi assim que ficamos a saber, entre outras coisas, da sua inclinação política e que não tinha votado nas eleições para as autarquias locais. Perante a nossa muda reprovação, apressou-se a explicar: — Sabe, o local de voto ficava longe, a minha Joaquina sofre do reumático e eu, para lhe falar com franqueza, já estou farto de tantas eleições. E, como que num desabafo, continuou: — Enquanto for vivo nunca mais caio noutra; o meu amigo já viu os resultados no Alentejo e em Setúbal? Se fosse assim em todo o País era outra ditadura. Livra!

Ficamos a pensar na espontaneidade deste «livra» do senhor Anastácio.

Efectivamente somos de opinião que o partido que venceu no Alentejo poucos mais votos poderia obter dado que os seus militantes, devido à sua mentalização que lhes é peculiar, são dos que só muito excepcionalmente deixam de votar. Andam dezenas de quilómetros de carro, a pé, de bicicleta ou carroça, mas votam, porque sabem que da sua participação depende a consolidação da doutrina que defendem. A sua combatividade é de um flagrante contraste com o alheamento, a apatia e o desinteresse manifestado pelos muitos «senhores Anastácios» e «senhoras Joaquinas» deste País, o que de certo modo explica os cerca de 2 milhões de abstenções.

Se tivéssemos a tal ditadura, o despertar seria bem amargo. E tardio, também. Aliás como normalmente todos os arrependimentos. E não tenhamos dúvidas que o «imposto» iria ser bem pesado para a esmagadora maioria dos Portugueses.

Mas seria certamente o justo preço do comodismo.

Lisboa, Janeiro de 1977

«Zé do Rio Minho»

Melgaço na Guerra da Independência e da Sucessão de Espanha (1640-1715)

(Continuação)

Cap. XI

Anos de 1652 a 1655

O cronista galego, Benito F. Alonso, já citado, explica o imobilismo destes anos com o envio de tropas e dinheiro para outras frentes de batalha: Nápoles, Catalunha e França, descrevendo com tintas muito carregadas a situação de Orense.

Em 29 de Janeiro, de 1652, Filipe IV, mais uma vez, pedia às cidades do reino o envio de tudo quanto pudessem oferecer-lhe graciosamente. Oneradas com

impostos sucessivos, as gentes sentiam-se esmagadas. Orense reuniu, por isso, uns 3 000 reales, que mandou ao rei com o pedido de que lhes relevasse a insignificância da oferta (?).

As povoações tinham que fornecer palha, lenha, vestidos e comida para as guarnições. Por outro lado, levadas seguiam para as frentes, algures na Europa. O entusiasmo não podia ser muito. O desejo de que tudo acabasse rapidamente, esse sim, era enorme!

Em Fevereiro de 1653, D. Vicente Gonzaga, comandante da Galiza, exigia que fossem mobi-

(Continua na 3.ª página)

Política Concelhia

Quando rebentou o «25 de Abril» o saudoso dr. António Durães, cidadão exemplar, político honesto, e idealista sem utopias, desceu para o terreiro e cantou com o povo da nossa terra a hora da «libertação».

Democrata consciente e com o sentido das responsabilidades, logo colocou os interesses da terra acima da política e dos partidos.

O que o Ministro da Administração Interna disse a respeito do que deveriam ser as Autarquias, escreveu-o logo que assumiu a Presidência da Comissão Administrativa, o sr. dr. António Durães, e nesse sentido orientou as freguesias na escolha das Juntas.

- Tomou posse a Câmara.
- Agora é que o Povo está representado.
- Aviso oportuno do saudoso dr. António Durães.

Quis sempre que fosse o povo a decidir, e que o mesmo povo escolhesse os seus representantes. Deus levou-o antes de poder ver a vontade dos seus concidadãos na escolha da Câmara e da Assembleia Municipal.

Em carta de 16 de Outubro, em que me escrevia sobre a lista a apresentar para a Câmara Municipal fosse ela qual fosse, acentuava que a mesma tinha de

«desempenhar esse cargo com eficiência e independência, pondo os interesses locais acima dos interesses políticos partidários».

Que a nova Câmara não esqueça estas recomendações do querido dr. António Durães.

A Câmara foi empossada, no Governo Civil de Viana do Castelo, no passado dia 3.

Esta é a Câmara eleita pelo Povo melgacense, e esperamos que seja fiel ao mandato recebido.

* * *

Julgamos oportuno para consciencializar e responsabilizar o povo da nossa terra, transcrever parte de uma carta que o sr. dr. António Durães nos escreveu com data de 10 de Outubro.

Contava-me com júbilo e patriotismo, a visita de um casal, sendo o marido também advogado, chegado de Luanda, acompanhado de um sacerdote católico brasileiro, professor no Seminário daquela cidade.

A este respeito escreveu-me desta maneira:

«Tinha vontade de lhe mandar alguma coisa, que, a meu ver, mereceria publicação. Mas confesso-lhe que me sinto desalentado para continuar uma luta inglória, por ineficaz, apontando erros e sugerindo soluções. Não é somente a idade que me provoca esse desalento, mas principalmente o ver que igual sentimento se apossou de grande parte da população deste Concelho, pelo menos da Vila, e se verificou na comemoração do 5 de Outubro e proclamação da República.

(Continua na 4.ª página)

(Continua na 4.ª página)

Cartas ao Director

Para que a Mesa da Peneda? Não é a sua existência uma afronta ao pároco da Gavieira e aos habitantes da Peneda?

Gostaria, sr. Director, que me permitisse escrever umas palavrinhas acerca da nova mesa da Peneda, que é formada, ao que dizem os jornais, pelos senhores a seguir indicados: P. Manuel Domingues, abade de Suajo, presidente; Jeremias Lourenço Fernandes, vice-presidente; P. Arnaldo Justino Fernandes, abade de Merufe, secretário; Alberto Carlos Fernandes Gachineiro tesoureiro, e António Fernandes Morgado, procurador.

Não figura no elenco o abade da Gavieira e capelão da Peneda. Ora, sendo o santuário da Peneda, a que título vem uma confraria mandar ali? A existência da confraria é uma afronta para o pároco, não acha?

Quando há pároco, não vejo porque não há-de ser ele e só ele — a tomar conta de tudo. Para isso é que é o pároco. Mas, a aceitarmos leigos, esses deveriam ser da Peneda e nunca de fora. Nem sequer os da Gavieira. Para que é a Comissão Fabriqueira?

Não acha que irem os de fora mandar num santuário que pertence aos da Peneda é, pelo menos, uma afronta, tanto ao pároco como aos habitantes da Peneda?

Eu cá, pelo menos, penso assim e, se estou em erro, agradecia que me esclarecesse. Outros pensam como eu.

T. S.

N. R. — Não é só o senhor a pensar desse modo, mas não tem razão. Ora vamos lá a ver.

O facto de o santuário estar num lugar não dá o direito aos habitantes de ali mandarem como se fosse coutada sua. Se você construir uma casa em X, ela pertence-lhe sempre a si e

não aos habitantes do lugar. Acontece que, no caso em concreto, nem sequer foram os da Peneda que ergueram o santuário. Foram as escolas dosromeiros. Os Bombeiros de Melgaço não são da vila: são dos sócios. E o futebol na mesma.

O mesmo se diga em relação ao pároco. O pároco não manda nas confrarias. São autónomas. Em cada freguesia, há, pelo menos, as confrarias das Almas, Santíssimo e outras. O pároco não manda nada nelas. Pelo menos não devia mandar, pois não tem direito a fazê-lo. Só informa se os confrades são ou não cristãos a sério.

E porque motivo existem as confrarias? Existem como

Quem ganhou com as eleições?

Quem ganhou com as eleições foram todos quantos conseguiram bons empregos bem remunerados. Mas o país ainda não ganhou nada, pois continua cada vez mais pequeno e pobre.

Portugal perdeu as suas Províncias Ultramarinas, ficou sem a reserva de divisas que Salazar e Caetano tinham deixado como «pesada herança» e até corre o eminente perigo de perder a sua independência, se não pagar o que deve ao estrangeiro. Para pagar o que devemos aos americanos, talvez já não cheguem os Açores.

Mas a maior parte do Zé Povinho ainda não faz uma vaga ideia da situação em que nos encontramos.

Acho uma certa graça a certas pessoas quando dizem que ficamos todos a ganhar com a Revolução.

Falam em liberdade de pensamento e de expressão, em democracia a caminho do socialismo, mas desconhecem que continuam as injustiças sociais e que de pouco ou nada serve fazer certas reclamações. Enquanto alguns ganham uma média de mais de 50 contos por mês, outros são obrigados a viver com 500\$00 mensais que recebem de pensões de velhice e de invalidez.

O Governo anda a pedir dinheiro emprestado a diversos países por esse Mundo fora, para depois apresentar à Assembleia

(Continua na 4.ª página)

Política Concelhia

(Continuação da 1.ª página)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal organizou um programa dessa comemoração, em que se salientava uma romagem aos liberais e democratas, que ali dormem o sono eterno, depois, ao meio dia, o haster da Bandeira Nacional no seu edifício, e por último numa sessão solene com palestra alusiva «ao significado do 5 de Outubro e a sua actualidade». Assisti a todas essas cerimónias e à última hora vi-me obrigado a proferir esta palestra. Mas, a todas elas, a assistência limitou-se a números dígitos, só acrescidos pelo Corpo Activo dos Bombeiros Voluntários, impecavelmente uniformizados e disciplinados.

E comparando esta ausência da população ao entusiasmo que presenciei no dia em que aqui se celebrou a vitória do 25 de Abril e a restauração da Democracia e sua inerente Liberdade, só a posso atribuir ao desalento deste Povo, saturado de palavras, sem os factos deponderarem a elas, antes pelo contrário, renegando as promessas feitas.

E isso confrange-me, embora reconheça que o actual Presidente da República tem muito boa

intenção de melhorar a situação desastrosa em que a Nação se encontra, mas bem receando que não tenha os meios e a força para efectivar essa intenção.

Não sei se o meu prezado Amigo conhece aquela «blague» que o Dr. Brito Camacho publicou em A LUTA, que dirigia ao tempo, da Ordenança de um general que tinha um cavalo mansíssimo, incapaz de lhe dar um coice, mas que um dia deu um à ordenança que o tratava de uma forma. E a muito custo lá conseguiu que o tratador lhe confessasse que dera a ração ao cavalo e quando este a estava a comer lhe fizera «cácegas» na barriga. E então o general só lhe observou: Bem feito! Já devias saber que se não toca na barriga de quem está a comer!

E o que se poderá dizer agora, com o que é necessário, é indispensável fazer-se para se endireitar o que tanto se entortou.

Deixamos ao povo da nossa terra e à Câmara Municipal a meditação, séria e profunda, das palavras, desgostosas e desalentadas, do sr. dr. António Durães.

Nós prometemos ser dignos das palavras com que nos distinguiu na oferta do seu livro «Angola e o General Norton de Matos».

Sem vaidade, mas como compromisso, as transcrevemos:

«Ao ilustre e proficiente Director e seus colaboradores de «A Voz de Melgaço», e com sua inteira solidariedade, oferece este resumido «depoimento» de feitos

de outra época, incluindo o que se passou na nossa terra de Melgaço.

Melgaço, 5-6-76

O Autor,
António Durães»

e

«Ao ilustre Melgacense, Rev.º Padre Júlio Hilarião Vaz, que tanto tem lutado pelo bem da nossa terra, com seus sinceros cumprimentos e elevada admiração.

Melgaço, 5-6-76.

Oferece
António Durães»

Era tão esmerada a educação do sr. dr. António Durães que se dignou oferecer um livro ao Director e seus colaboradores e outro ao Amigo.

Lição inolvidável para quem tão pouco pode privar com uma pessoa excepcional, verdadeira glória da nossa terra.

A minha gratidão só pode ser aquela que mais desejava em mim: fidelidade às suas palavras.

* * *

Parece-me que, ao registarmos a presença da democracia na política local, deveria lembrar a figura de um homem que nos legou a melhor lição democrática: respeito por todos, desde a pessoa às ideias, compreensão e diálogo, e, sobretudo, sentido prático de bem servir os interesses da comunidade, sem intuítos de vanglória ou de pessoalismo.

Que bom seria que nesta hora em que as Autarquias locais estão constituídas, todos copiássemos as lições modelares e as palavras do sr. dr. António Durães.

Júlio Vaz

Quem ganhou com as eleições?

(Continuação da 1.ª página)

da República a proposta de lei, aprovada em Conselho de Ministros, para a concessão de um empréstimo à Guiné-Bissau, no montante de 140 Mil Contos. Mas talvez o Povo Português não saiba que tal empréstimo vencerá juros à taxa de 1,5 por cento ao ano, sendo graciosos os dez primeiros anos, e o reembolso efectuar-se-á em 15 anuidades iguais de capital e juro, vencendo-se a primeira em Junho de 1987.

Ora isto assim não pode ser de forma alguma. Se a Guiné precisa de dinheiro emprestado, porque o não pede às Nações ricas que lhe forneceram dinheiro para se tornar independente?

Nós temos quase um milhão de desempregados, muita gente a passar fome e sem assistência médica eficiente, milhares de desalojados sem habitação, estando o País a atingir um ponto de ruptura muito próximo do descalabro, como disse o ministro das Finanças.

Se os senhores capitães soubessem o que se iria passar quando da madrugada de 25 de Abril, talvez ficassem na cama até mais tarde. Realmente mais valia ter ficado a dormir.

Nunca soube o que era ser fascista, mas cada vez percebo menos o Socialismo Português.

Agora vamos ver o que fazem as novas Juntas de Freguesias e Câmaras Municipais. Desconfio que o tal Poder Local pouco poderá fazer, uma vez que não há dinheiro.

Se os Presidentes das Câmaras passam a ganhar bons ordenados com o exercício das suas funções, valeu a pena ter concorrido. Mas havendo tanta gente desempregada, continuarão os Presidentes das Câmaras a receber também os ordenados correspondentes às profissões que exerciam conjuntamente com os novos salários, ou só recebem o que vão ganhar na Administração dos concelhos?

Faço esta pergunta, porque não sou socialista nem sei nada de política. Foi precisamente por

isso, que não apresentei a minha candidatura à Presidência da freguesia da Gave. E também porque não sabia administrar as grandes quantias de dinheiro destinadas à sua estrada e outros melhoramentos.

Agora espero que o Poder Local seja posto à prova, para ficar a saber quem ganhou com as eleições.

Os habitantes da freguesia da Gave, não ganharam absolutamente nada. Vivem mais mal do que no Sertão Africano e já não acreditam nas promessas de ninguém. Foi por isso que poucos votaram nas últimas eleições, pois todos sabem demasiadamente que na Junta de freguesia, tanto faz Pedro como Paulo.

Será o novo Presidente da Câmara Municipal de Melgaço, capaz de ir um dia à Gave ver o estado em que se encontra o bom Povo daquela freguesia?

Se é Socialista, mas Socialista a valer, peço-lhe que até mesmo como professor, se é amigo das crianças, vá à Gave ver o estado de ruína em que se encontra o edifício escolar do Ensino Primário e depois diga se é verdade ou mentira o que eu escrevo.

Manuel Caldas

Aos cidadãos desalojados

Os desalojados terão de abandonar os hotéis dentro destes prazos:

— Hotéis de 3 estrelas, até 31 de Março de 1977, no Distrito de Lisboa e, até 30 de Abril de 1977, no restante território nacional;

— As demais unidades hoteleiras e similares serão desocupadas, até 30 de Setembro de 1977.

O sistema de crédito a desalojados far-se-á no dia 27 do corrente nas seguintes instituições bancárias:

- Banco da Agricultura.
- Banco de Angola.
- Banco Borges & Irmão.
- Banco Espírito Santo & Comercial de Lisboa.
- Banco de Fomento Nacional.
- Banco Fonseca & Burnay.
- Banco Micaelense.
- Banco Nacional Ultramarino.
- Banco Pinto de Magalhães.
- Banco Pinto & Sotto Mayor.
- Banco Português do Atlântico.
- Banco Totta & Açores.
- Caixa Geral de Depósitos.

Cartas ao Director

(Continuação da 1.ª página)

existem os sócios dos Bombeiros, dos clubes de futebol e outros. Existem com o fim de trabalhar com mais entusiasmo e vontade a favor duma determinada causa. Se for das Almas, a confraria, p. e. é para fomentar entre os irmãos a devoção das almas, sobretudo da paróquia e familiares. Se for do Santíssimo, é para incentivar o culto à SS. Eucaristia. E, como todos os que procedem como cristãos, podem — e devem — inscrever-se, não se vê como seja afronta ao pároco ou aos paroquianos que haja quem queira trabalhar com mais amor pela Peneda, p. e. ou pela devoção a N. Senhora do mesmo nome.

Um pároco que se sentisse agravaado por não mandar nas confrarias, faria figura do presidente da câmara, que quisesse mandar nos Bombeiros ou no clube da terra. Uma coisa não tem a ver com a outra.

O que se diz do pároco diz-se de qualquer habitante, é claro. E da Comissão Fabriqueira, também. Mas, como esta vai longe, fica para a próxima.

A RENASCENÇA

de JOÃO MARIA DE OLIVEIRA
Rua do Rio do Porto — MELGAÇO
Telef. 4 2 4 8 8

Nesta casa executam-se todos os trabalhos de piche-laria, instalações de quartos de banho com água quente e fria. Todos os trabalhos são executados com a máxima perfeição e rapidez a preços sem competência. Orçamentos grátis.

Móveis Castelo

DE
RAMIRO DE LIMA A. CERQUEIRA

Rua das Escolas MELGAÇO

Mobiliários completas — Móveis avulso — Colchões de molas e espumas SUNDLETE — Divãs articulados — Candeeiros — Alcatifas — Tapeçarias, etc..

Tintas e Vernizes

Em BRAGA procure na DROGARIA DO MERCADO. Preços de revenda. Qualidades garantidas. Agentes dos produtos Agrícolas SAPEC, para tratamento de Pomares.

Praça Comércio, 71 — Tel. 24937 (Junto ao Mercado)

Espehos e Cristais

Vidros para Janelas
Automóveis e Estabelecimentos
—
TELHAS E TIJOLOS DE VIDRO

Sociedade de Cristais, L.da
Rua do Almada, 25 - PORTO - Tel. 311067

Sr. COMERCIANTE:

Deseja ver os seus artigos a ser rapidamente vendidos? Anuncie desde já em

«A VOZ DE MELGAÇO»

Bento Gomes

EMPREITEIRO

Melgaço — Tel. 42113

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

“A VOZ DE MELGAÇO,»

Annual: 80\$00 — Avença - Quinzenário — Estrangeiro: 160\$00; Avião: 200\$00

15 JANEIRO 1977